

Anchieta gramático: a ecologia do contato de línguas na América portuguesa e os fonemas [b] e [p] mediais e finais na língua tupinambá

Anchieta Grammarian: the ecology of language contact in Portuguese America and medial and final [b] and [p] phonemes in Tupinambá

Leonardo Ferreira Kaltner*
Melyssa Cardozo**

RESUMO

Consiste o artigo em estudo historiográfico sobre a *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, cujo autor foi o missionário e humanista S. José de Anchieta (1534-1597). O estudo tem como tema a descrição do gramático quinhentista dos metaplasmos relacionados aos fonemas [b] e [p] mediais e finais na língua tupinambá, um dos temas do segundo capítulo de sua gramática missionária (ANCHIETA, 1595; ZWARTJES, 2011). Nossa investigação apoia-se na fundamentação teórica da Historiografia da Linguística, pelos modelos de Konrad Koerner (1996) e de Pierre Swiggers (2013), e interdisciplinarmente na Ecolinguística (COUTO, 2007), pelo conceito de ecologia de contato de línguas, para a análise da descrição gramatical. Como método de trabalho com o *corpus*

Recebido em 17 de janeiro de 2023.

Aceito em 14 de abril de 2023.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2024n66.1343>

* Universidade Federal Fluminense, leonardokaltner@id.uff.br,
Orcid: 0000-0003-3690-31322

** Universidade Federal Fluminense, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, cardozomelyssa@id.uff.br, Orcid: 0000-0003-0279-1611

selecionado empregamos a Crítica Textual, utilizando três edições: a *editio princeps* de 1595, a tradução alemã de Platzmann, a *Grammatik der Brasilianische Sprache* de 1874, e a edição mais recente de Armando Cardoso de 1990.

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticografia, Linguística Missionária, Tupinologia.

ABSTRACT

The article consists of a historiographical study of the art of grammar of the most used language on the coast of Brazil, whose author was the missionary and humanist S. José de Anchieta (1534-1597). The subject of this study is the sixteenth-century grammarian's description of the metaplasms related to the medial and final [b]- and [p]-phonemes in the Tupinambá language, one of the subjects of the second chapter of his missionary grammar (ANCHIETA, 1595, ZWARTJES, 2011). Our study is based on the theoretical foundation of the historiography of linguistics, through the models of Konrad Koerner (1996) and Pierre Swiggers (2013), and interdisciplinary with the ecolinguistics (COUTO, 2007), through the concept of language contact ecology, to analyse the grammatical description. As a method for working with the selected corpus, we applied textual criticism, using three editions of the grammar: the *editio princeps* of 1595, the German translation by Platzmann, the Grammar of the Brazilian Language of 1874, and the most recent edition by Armando Cardoso of 1990.

KEYWORDS: Grammatography, Missionary linguistics, Tupinology.

Introdução: os *Monumenta Anchieta* como um polissistema de textos

O artigo tem como tema geral uma análise historiográfica do “pensamento e das práticas linguísticas e gramaticais” (*linguistic thought and grammatical praxis*) (SWIGGERS, 2013; 2019) de S. José de Anchieta (1534-1597), missionário europeu atuante na América portuguesa quinhentista, autor da *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (ANCHIETA, 1595), entre outras obras. A fim de desenvolver essa análise historiográfica, temos como apoio a fundamentação teórico-metodológica da disciplina Historiografia da Linguística (HL), conforme o modelo de Konrad Koerner (1996) e de Pierre Swiggers (2013; 2019), além do emprego de conceitos derivados da obra de Sylvain Auroux (1992), como a gramatização.

A disciplina Historiografia da Linguística tem se desenvolvido no Brasil com a fundamentação teórica dos três especialistas europeus, desde o final do século XX (ALTMAN, 2019).

O pensamento e as práticas linguísticas e gramaticais de Anchieta podem ser descritos sob uma perspectiva teórica de uma historiografia de domínio “extensional” ou “não extensional”, que abarque todas as suas obras, para além de sua gramática da língua tupinambá, conforme o modelo de narrativa historiográfica. A historiografia de “domínio extensional” tem como limite um dado domínio social, seja uma região, um grupo étnico considerado em sua coletividade, ou um tipo de instituição, relacionando-os a seu contexto histórico, de forma mais generalizada. Já a historiografia de “domínio não extensional” tem como objeto um domínio mais específico, como textos selecionados, autores individuais e grupos bem específicos, como os missionários quinhentistas, sendo o modelo que adotamos no presente estudo. Ronaldo Batista (2019) define teoricamente as configurações de uma narrativa historiográfica de “domínio não extensional”, que poderia abordar, inclusive, a interpretação de questões sociais e interculturais, em um dado *corpus*, contanto que tenha um recorte socio-histórico bem específico, por exemplo. Assim, questões sociais e culturais, além do estudo da metalinguagem nos textos, podem ser abordadas por uma historiografia de “domínio não extensional”, se bem delimitadas:

Pode-se apontar, então, a proposta de uma historiografia não extensional, guiada por recortes no desenvolvimento da história do conhecimento sobre a linguagem, ou seja, uma historiografia que parte de pontos de vista a respeito de seleções que devem ser explicitadas e justificadas pelo pesquisador (BATISTA, 2019, p. 14).

A questão teórica de uma narrativa historiográfica de domínio “não extensional”, quanto ao pensamento linguístico de Anchieta, em nossa interpretação, é também relativa à posição da gramática do missionário em um *corpus* mais abrangente que são os *Monumenta Anchieta*, as obras completas do missionário. Os *Monumenta Anchieta* formam o que Swiggers

define como um “polissistema de textos” (SWIGGERS, 2013, p. 41). Para além da gramática do missionário, podemos conhecer o seu pensamento e suas práticas linguísticas e gramaticais indiretamente por outras obras, como os textos novilatinos do manuscrito de Algorta: o poema épico *De Gestis Mendi de Saa* (Os feitos do governador-geral Mem de Sá) e o poema elegíaco *De Beata Virgine Dei Matre Maria* (A Santa Virgem Maria, Mãe de Deus), texto sacro pioneiro no campo da Mariologia na América portuguesa; as obras dramáticas como o *Auto de São Lourenço*, encenado em Niterói; as cartas como a *Epistola quam plurimarum rerum naturalium quae S. Vicentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt* (KALTNER, 2011; 2019). Esses textos, ainda que não estejam no domínio extensional da gramática humanística de sua época e não apresentem reflexões metalinguísticas específicas, não se inserindo no “morfótipo textual” da gramática missionária (ZWARTJES, 2002, 2011; ALTMAN, 2006; BATISTA, 2005), são testemunhos precisos do contexto histórico do missionário, de seu pensamento e de suas práticas linguísticas e gramaticais, sendo também um registro das línguas que Anchieta conhecia.

A fim de interpretar os *Monumenta Anchieta*, como objeto de uma historiografia de “domínio não extensional”, podemos tomar de empréstimo conceitos de outras teorias linguísticas, de forma alternativa. Nesse sentido, o conceito ecolinguístico de “ecologia do contato de línguas” (COUTO, 2007, p. 283-286) pode nos auxiliar a compreender o motivo pelo qual os *Monumenta Anchieta* foram escritos em quatro línguas. A própria gramática de Anchieta é um texto escrito em português, em tupinambá e em latim, por exemplo. Nesse sentido, houve uma “ecologia do contato de línguas” da América portuguesa quinhentista, representada no plurilinguismo interno da própria gramática, em uma análise hermenêutica do pensamento linguístico de Anchieta. A ecologia do contato de línguas, conforme a teoria da Ecolinguística, desenvolve-se em três meio ambientes que constituem o Ecossistema Fundamental da Língua (EFL): o social, o mental e o natural (COUTO, 2007, p. 20). O meio ambiente social em que se organizaram os *Monumenta Anchieta* foi a América portuguesa quinhentista, formada pelas relações interculturais entre povos

originários, europeus e africanos. Já o meio ambiente mental dos *Monumenta Anchieta* foi formado pela autoria de Anchieta, e a interpretação nesse nível de análise depende de compreensão da biografia do autor, por exemplo, que teve passagens pela África, nas Ilhas Canárias, na Europa, em Coimbra e na América portuguesa (VIOTTI, 1980). Por fim, o meio ambiente natural refere-se a como o território específico da América portuguesa influenciou em suas obras, como na sua gramática, por exemplo, seja em seleções lexicais, seja em descrições naturais, e mesmo nas temáticas dos textos.

A ecologia do contato de línguas, registrada nos *Monumenta Anchieta*, pode ser analisada como a influência um fator social, de constituição dos núcleos coloniais da América portuguesa e de sua dinâmica de interações e interrelações linguísticas. Também pode ser analisada como um fator mental, das competências linguísticas dos missionários, com formação cultural escolástica e humanística, como Anchieta. Por fim, a ecologia do contato de línguas pode ser analisada como um fator natural, isto é, foi desenvolvida nas obras do missionário para uma compreensão e representação do território que formava a colônia, como uma ocupação humana, sobretudo a Capitania de São Vicente, nos primeiros anos de Anchieta. Nesse sentido, havia uma língua para a navegação e administração colonial, o português de Portugal, eventualmente o castelhano de Castela, uma língua para a política missionária, o latim de Roma, e uma língua para alianças com os povos originários, o tupinambá dos povos Tupis. Essas quatro línguas registradas nos *Monumenta Anchieta* formaram um ecossistema linguístico, que representou as primeiras décadas da ecologia do contato de línguas na América portuguesa, e Anchieta registrou em suas obras (CAVALIERE, 2005). A gramática do missionário foi resultado da especulação nessas línguas, pelos processos da lógica analítica, de base aristotélica, derivada da escolástica e da gramática humanística, como evidenciamos em nossa interpretação crítica de um excerto da obra mais adiante.

1. Os fonemas [b]e [p] mediais e finais na língua tupinambá: a descrição de Anchieta

Investigar o pensamento e as práticas linguísticas de Anchieta é um estudo mais sobre a sua gramática da língua tupinambá do que mesmo um estudo sobre a língua indígena, que é objeto específico do campo teórico da tupinologia, parte da disciplina de Linguística Histórica. Nesse sentido, os avanços da tupinologia, desenvolvida continuamente desde o século XIX no contexto do Brasil, são temas de interesse interdisciplinar para os estudos historiográficos, mas não são um conhecimento determinante para a descrição do pensamento linguístico de Anchieta, o que está atrelado à interpretação de seus escritos em pormenores.

A ortografia empregada por Anchieta na descrição da língua tupinambá, por exemplo, não é a mesma que tupinólogos do século XX, como Edelweiss, Lemos Barbosa, Yonne Leite e Aryon Rodrigues (RODRIGUES, 2013) utilizaram em seus estudos ao sistematizar um padrão moderno de grafia para a língua, também rotulada como tupi antigo. Para se estudar o pensamento linguístico de Anchieta, nesse sentido, a atualização ortográfica da língua indígena no estudo da gramática pode trazer elementos anacrônicos para a interpretação da obra, escrita na América portuguesa quinhentista. Para essas questões, a metodologia do trabalho filológico pela Crítica Textual (BASSETTO, 2013; CARDOZO, KALTNER, 2022) é de sumo interesse, tendo sido a manutenção da ortografia de Anchieta na descrição da língua indígena um dos critérios que empregamos para analisarmos modernamente os pormenores da descrição da língua pelo missionário.

Interpretamos, na sequência, um excerto da obra gramatical de Anchieta retirado do segundo capítulo da gramática. O trecho trata especificamente dos fonemas [b] e [p] mediais e finais na língua tupinambá, das variações fonéticas que ocorrem na conjugação verbal, no caso da posposição *Pé* e nos substantivos compostos. Vejamos o excerto em transcrição, por edição semidiplomática, que está disponível também na *WikiSources*, e na sequência

uma proposta de tradução, ou edição interpretativa. O trecho transcrito foi conferido por *collatio* com a edição fac-símile original de 1595:

¶ B. P. *in medio, vel fine dictionis*, quafi sempre se muda em, m. ou, mb. quando precede na vltima fyllaba, til, ou, m ou, n. ainda que este o n. no fim da penultima, vt *Anga*.

Nos gerundios, & supinos, vt, *Ainupa* [^], *Nupãmo*, *Airumô*, *Yrumómo*, *Amanô*, *Manómo*. Todos estes pella regra geral ouuerão de dizer, *bo*.

Nos verbaes, ou participios, vt *ynupãbira*, *yrumom bira*, *ymomanombira*. Todos ouuerão de dizer pella regra geral, *píra*.

Nos verbaes que perdẽ o, ç. vt *nupãçaba*, *nupãma*, *tecotebêcaba*, *tecotebe* [^]*ma*, *apiticába*, *apitãma*, *çaró çaba*, *carô áma*, *mopaũ çaba*, *mopaũ àma*, *ma*, *pro*, *ba*.

Nos præteritos, vt *ti* [^], *timboèra*, *teo* [^], *teomboéra* *nhu* [^], *nhumboéra*.

Com preposição, *Pé*, vt *ti* [^]. *timè*, *amá*, *amâme*, *paraná*, *paranáme*, *ánga*, *ángimè*, *mána*, *mánime*, *mé*, *pro pé*.

Nos compoistos, vt *paraná*, *pôra*, *paranambóra*, cõpoisto, *omanó*, morrem, *pá*, todos: *omanômbá*, morrem todos, *pro*, *pá*, & *fic de reliquis*.

Nos feitos actiuos, com, *mo*, vt *apáb*, *aimombáb*, *pro*, *aimopáb* (ANCHIETA, 1595, p. 3f-3v).

A seguir, edição interpretativa e tradução:

[b] e [p] no meio ou no final de vocábulo quase sempre se transforma em [m] ou [mb] quando precede na última sílaba til, ou [m] ou [n], ainda que este [n] esteja no fim da penúltima, como em *anga* (alma).

Ocorre também nos gerúndios e supinos, como *ainupa* [^] – *nupãmo* (eu o castigo – castigando, para castigar), *airumô* – *yrumómo* (eu estou acompanhando – por estar em companhia, estando em companhia), *amanô* – *manómo* (eu morro – morrendo, para morrer). Todos esses pela regra geral deveriam ser pronunciados com [bo].

Nos verbais, ou participios como *ynupãbira* – *yrumom bira* – *ymomanombira* (o agredido, o acompanhado, o morto). Todos deveriam ser pronunciados pela regra geral [píra].

Nos verbais que perdem o [ç] como *nupãçâba* – *nupãma* (ato de punir); *tecotebêcâba* – *tecotebe âma* (sofrimento); *apiticâba* – *apitiâma* (ato de apertar); *çaró çaba* – *carô âma* (ato de proteger, esperança para Platzmann, 1874); *mopaũ çaba* – *mopaũ âma* (ato de emendar, interromper, alternar), que apresentam [ma], em vez de [ba].

Nos pretéritos como *ti â* – *timboêra* (o cheiro que sinto, o cheiro que passou); *teo â* – *teomboêra* (a morte, uma antiga morte); *nhu â* – *nhumboêra* (um campo, um antigo campo).

Com a posposição *Pé*, como *ti â* – *timè* (nariz, no nariz); *amâ* – *amâme* (ciranda, na ciranda); *paranâ* – *paranâmè* (mar, no mar); *ânga* – *ângimè* (alma, na alma); *mána* – *mánime* (feixe, no feixe); [mé] em lugar de [pè] (em).

Nos compostos, como *paranâ* (mar) – *pôra* (dentro); *paranambóra* (o que está dentro do mar), composto, *omanó* (morrem), *pá* (todos): *omanômbá* (morrem todos), em lugar de [pâ], e assim como os restantes.

Nos verbos tornados ativos com [mo], como *apâb* – *aimombâb* (eu me acabo, eu termino algo), em vez de *aimopâb*.

2. Comentários à tradução de termos lexicais da língua tupinambá

O excerto selecionado apresenta um exemplo da ecologia de contato de línguas na própria descrição da língua tupinambá por Anchieta. A descrição das regras gerais de funcionamento da língua indígena é escrita em língua portuguesa, com alguns metatermos em latim humanístico, e o missionário apresenta exemplos gramaticais na própria língua indígena. Geralmente, os termos lexicais da língua indígena são apresentados sem tradução, o que sugere um possível uso de algum vocabulário ou lista de termos lexicais pelos leitores da gramática, à época quinhentista.

O tema específico desse excerto, os metaplasmos e alterações fonéticas de [b] e [p], deriva do tema geral do segundo capítulo da gramática quinhentista, que é apresentado no título do próprio capítulo: ortografia e pronúncia

(ANCHIETA, 1595). Armando Cardoso apresenta uma interpretação de que o tema central do segundo capítulo da gramática são os metaplasmos da língua tupinambá também, de onde tiramos essa interpretação (ANCHIETA, 1990, p. 152).

Há uma sequência de exemplos de metaplasmos que ocorrem em formações verbais, gerúndios, supinos e participípios da língua indígena. O primeiro argumento apresentado é a regra geral de comportamento dos fonemas [b] e [p] mediais e finais. Segundo o gramático, ambos os fonemas, quando na posição medial ou final dos vocábulos, sofrem alteração fonética para o grupamento [m] e [mb], nas seguintes hipóteses: quando precede sílabas finais terminadas em til, [m] ou [n], isto é, com marcas de nasalidade, mesmo quando a marca de nasalidade ocorre na penúltima sílaba. O missionário apresenta um exemplo de vocábulo em que ocorre este fenômeno: *anga*, traduzido para Platzmann (1874) como alma (*Seele*), vocábulo importante no contexto missionário. No dicionário de Navarro (2013), há outros valores diversos para esse complexo item lexical.

Essa primeira afirmação na gramática, tida como a regra geral gramatical de comportamento da língua indígena, é dedutiva; na sequência, Anchieta apresentou exemplos indutivos que confirmam a regra, isto é, a regularidade da língua. Com essa descrição linguística, o missionário parece buscar corrigir outras transcrições a que teve acesso e o antecederam na descrição linguística.

O metaplasmo ocorre com o sufixo verbal regular [bo], formador de gerúndios e supinos, que se torna [mo], quando próximo a sílabas com nasalidade, isto é, apresenta um alofone. Anchieta apresenta pares de verbos como paradigmas, isto é, modelos, em sua forma na primeira pessoa do indicativo e nas formas de gerúndios e supinos, técnica derivada da gramática latina. O primeiro exemplo apresentado é o par *ainupa* ^ˆ–*nupãmo* (eu o castigo – castigando, para castigar). O verbo *nupã* é transitivo, e significa, segundo Platzmann (1874) e Navarro (2013), “castigar”; já Cardoso (ANCHIETA, 1990) lhe atribui o sentido de “açoitar”. Como o verbo é transitivo, possui o

indicador de objeto direto ou acusativo: [i], conforme atesta Edelweiss (1958, p. 49), na formação dos verbos em tupinambá.

Assim, a primeira pessoa do presente do indicativo possui a forma *a-i-nupã* (eu o castigo), se decomposta em suas formas presas. Já o gerúndio e o supino possuem a forma *nupã-mo* (castigando, para castigar), que consiste no radical *nupã* com o acréscimo do morfema *mo*, variante do morfema regular *bo*, devido à nasalização do radical. Esse é um exemplo de metaplasmo bem específico dado por Anchieta para corrigir possíveis transcrições anteriores de outros missionários. Note-se o emprego do conceito de supino derivado também da gramática latina.

O segundo par de exemplos, *airumô – yrumómo*, foi traduzido por Platzmann (1874) pela locução “*ich bin in Gesellschaft*” (eu estou acompanhando) e “*indem man in Gessellschaft ist*” (por estar em companhia, estando em companhia); já por Cardoso (ANCHIETA, 1990), foi traduzido como “eu o aumento” e “aumentando”, respectivamente. Navarro (2013) apresenta ambas as traduções, com valores diferentes, tanto uma locução adverbial apoiada em verbo de ligação, conforme Platzmann, quanto um verbo regular, conforme Cardoso. Consideramos *irumô* como um radical, ainda que o termo seja ambíguo, mas preferimos a lição de Platzmann (1874), por ter um valor mais próximo do uso social do termo na vida comunitária da América portuguesa. Já o par *amanô – manómo* possui a mesma tradução atestada em Platzmann (1874) e Cardoso (ANCHIETA, 1990), também atestada por Navarro (2013): “eu morro” e “morrendo”, respectivamente.

Outro exemplo citado é na formação dos participípios, que em geral se formavam na língua tupinambá pelo sufixo [*píra*]. Anchieta apresenta os três verbos anteriores, com a formação pelo sufixo [*bíra*]: *ynupãbíra – yrumombíra – ymomanombíra* (o agredido, o acompanhado, o morto). A tradução de Platzmann e a de Cardoso são muito próximas, no sentido de reconhecerem o participípio passado passivo na formação verbo-nominal da língua indígena; o naturalista alemão rotula essas formas como *Passivverbalien*. Esse tipo de participípio foi também descrito por João de Barros em 1540, o que aproxima

a gramatização do participípio tupinambá ao participípio português, mais do que ao *participium* latino, que possuía formas ativas e passivas, em três tempos verbais do presente (ativo), do passado (passivo) e do futuro (ativo e passivo).

Nos exemplos seguintes, Anchieta descreve o metaplasmo que ocorre na formação dos “verbais” que perdem o “ç”, equivalente ao fonema [s]. Os metatermos “nomes verbais” foi traduzido como *Activverbalien* por Platzmann (1874), isto é, substantivos derivados de verbos com significado ativo, o que em latim teria equivalência também com o participípio presente ou com o infinitivo substantivado, comum ao português. Os exemplos citados por Anchieta são analisados por Cardoso (ANCHIETA, 1990), em que o sufixo de formação dos “verbais” *çaba* [saba], reduzido por apócope em [ba] transforma-se no alomorfe [ma], por fim, com significado idêntico: *çaba > ba > ma*.

O gramático apresenta, em pares, alguns paradigmas dos “verbais” com o sufixo regular *çaba* e com o alomorfe *ma*. Platzmann (1874) traduz os “verbais” meramente como substantivos, enquanto Cardoso (ANCHIETA, 1990) emprega a locução “ação de” em alguns casos, para registrar o valor verbal dessas construções. Combinamos na tradução ambas as técnicas, em colação com o dicionário de Navarro (2013): *nupãçaba* – *nupãma* (ato de punir); *tecotebêcâba* – *tecotebêma* (sofrimento); *apiticâba* – *apitãma* (ato de apertar); *çaró çaba* – *carõ âma* (ato de proteger, esperança para Platzmann, 1874); *mopaũ çaba* – *mopaũ âma* (ato de emendar, interromper, alternar), que apresentam [ma], em vez de [ba].

Na sequência desse excerto há formação de alguns pretéritos com o sufixo *mboéra*: *ti* [^] – *timboèra* (o cheiro que sinto, o cheiro que passou); *teo* [^] – *teomboéra* (a morte, uma antiga morte); *nhu* [^] – *nhumboéra* (um campo, um antigo campo). Note-se que há uma grande discrepância entre as traduções de Platzmann e Cardoso nesses pares de termos: o naturalista alemão os considera substantivos, enquanto Cardoso considera os dois primeiros pares como verbos no infinitivo. O primeiro desses exemplos é o termo *ti* [^], que, primitivamente, significava “nariz”, uma das partes do corpo. Platzmann abstraiu *ti* [^] nessa passagem como “fumaça, cheiro” (*Rauch*), o “cheiro de fumaça”, percebido

pelo nariz. Logo em sua interpretação o par *ti* – *timboèra* significava “cheiro de fumaça e cheiro de fumaça que já passou”, respectivamente. Já Cardoso (ANCHIETA, 1990), conforme Navarro (2013), considerou *ti* como o verbo no infinitivo “envergonhar-se”, derivado do sentido teológico do substantivo *ti*: “vergonha”. Esse sentido constituiu-se, hipoteticamente, de forma metafórica a partir de algo como “esconder o nariz”, ou “virar o rosto, esconder o cheiro”, o que ganhou um sentido teológico quanto à vergonha, nos textos dos missionários. Outro significado registrado do termo *ti* é o seu emprego como verbo transitivo equivalente a “atar, amarrar, armar” (NAVARRO, 2013, p. 476), baseado em uso na própria gramática de Anchieta em outra passagem da obra. Já nos outros dois exemplos, *teo* e *nhu*, há uma concordância entre os autores, com pequenas divergências de lições.

Os exemplos seguintes apresentam um alofone da posposição [*pè*] que significa “em”: [*mé*], que ocorre devido às marcas de nasalidade: *ti* – *timè* (nariz, no nariz); *amâ* – *amâme* (ciranda, na ciranda); *paraná* – *paranáme* (mar, no mar); *ânga* – *ângimè* (alma, na alma); *mána* – *mánime* (feixe, no feixe); [*mé*] em lugar de [*pè*] (em).

Há uma divergência de leitura entre Platzmann (1874) e Cardoso (1990), no par *amâ* – *amâme* (ciranda, na ciranda). O naturalista alemão traduz o par por “*Kreis* – *im Kraise*” (círculo, no círculo), lição encontrada no *Vocabulário na Língua Brasileira* (VLB) (NAVARRO, 2013), com a forma *amãdaba*, atestada por Navarro. Já Cardoso interpreta como *amána*, “chuva”. Navarro registra ainda o verbo transitivo *aman*: “cercar (em roda), circundar” (NAVARRO, 2013, p. 29). O sentido de “chuva”, *amana*, está de certa forma vinculado ao sentido de “circundar”, ou “dançar em roda” (*aman*), que em uma interpretação intercultural pode ser compreendida como a “dança na chuva”, ou “dança pela chuva”. Os outros exemplos nessa sequência não apresentam divergência.

Os exemplos seguintes apresentam nomes compostos como paradigmas, que sofrem o metaplasmo tema do excerto da gramática. Temos o par *paraná* (mar) – *pôra* (dentro); *paranambóra* (o que está dentro do mar).

Para a tradução seguimos Platzmann, que verteu *pôra* em *Inhalt* (dentro de), lição encontrada em Navarro (2013). O naturalista ainda cita o que pode ser encontrado no mar, como peixes (*Fischer*), por exemplo. Cardoso (ANCHIETA, 1990) interpreta o composto por “cheio de mar”. O segundo exemplo *omanômbâ* (morrem todos) é traduzido pelo próprio Anchieta na gramática, o que ocorre raramente no texto do missionário.

O último exemplo desse excerto da gramática é o caso dos verbos passivos que se tornam ativos com a desinência [*mo*], cujo alomorfe perante nasais é [*momb*]: *apâb* – *aimombâb*, em vez de *aimopâb*. Cardoso não registra em sua leitura interpretativa esse exemplo, já Platzmann traduz o composto *aimombâb* por “*ich beendig etwas*” (eu termino algo), com sentido ativo, derivado do verbo *apâb*: acabar-se, morrer, com sentido intransitivo ou reflexivo (NAVARRO, 2013).

Conclusão

A título de conclusão, podemos inferir que a gramática de Anchieta apresentava um plurilinguismo, derivado da vida social na América portuguesa quinhentista, em sua “ecologia do contato de línguas”, em que as interações entre europeus e indígenas eram constantes, sobretudo para o aprendizado da língua indígena pelos missionários. Essa ecologia do contato de línguas ocorreu, primeiramente, no meio ambiente social da América portuguesa quinhentista, derivada da prática empírica de missionários franciscanos e intérpretes para estabelecer contato com comunidades linguísticas dos povos originários, de cultura tupinambá, que habitavam o litoral. O empirismo nesse primeiro contato gerou um ecossistema linguístico diverso, em que as interações entre os povos, as línguas e um mesmo território geraram essa ecologia do contato de línguas como uma constante.

Desse meio social, Anchieta aprendeu a língua indígena na Capitania de São Vicente, tendo levado as suas reflexões ao meio ambiente mental, à sede de sua consciência. Graças a essa dinâmica da ecologia do contato

de línguas, o missionário conseguiu compreender as nuances da língua dos indígenas de cultura tupinambá a um ponto de “reduzir” a língua à “arte”, isto é, de gramatizá-la, nos termos de Auroux (1992). A gramática de Anchieta é produto das reflexões sobre a ecologia do contato de línguas no meio ambiente mental, é um produto de autoria do missionário e de suas reflexões. A língua indígena só poderia ter sido descrita em contraste com a língua portuguesa e a gramática de base latina, dado o contexto de Anchieta.

Quanto às influências do meio ambiente natural, notamos, pela seleção dos itens lexicais da língua indígena, termos referentes não só às práticas sociais, mas também referentes à interação do homem com a natureza. Anchieta descreve fenômenos naturais que eram interpretados pelos povos indígenas em uma perspectiva diferente da dos europeus. A gramática evidencia como a língua tupinambá se tornou a língua vernácula da América portuguesa, ao menos nas regiões de contato entre europeus e as comunidades dos povos originários, como as missões indígenas, por exemplo. O missionário demonstra, pelos exemplos da gramática, que a língua indígena poderia ser utilizada em situações diversas da vida social e para qualquer tipo de interação linguística, não apenas para fins de catequese, e mesmo a atividade catequética necessitava de uma adaptação cultural para que se efetivasse. A língua tupinambá gramatical registrava, por fim, uma mediação intercultural entre dois mundos diversos, o europeu e o indígena.

A articulação entre a língua portuguesa, alguns termos em latim e exemplos na língua indígena formam um ecossistema linguístico que permite a descrição da língua pelo missionário quinhentista, tendo como possível leitor, ou usuário, de sua gramática um falante de língua portuguesa, familiarizado com o latim e com a teoria gramatical renascentista. Essa ecologia de contato de línguas processava-se também na própria sociedade colonial da América portuguesa quinhentista, sobretudo no contato com as comunidades linguísticas dos povos originários, na dinâmica social.

Quando os missionários jesuítas chegaram à América portuguesa, essa ecologia do contato de línguas já ocorria há algumas décadas, graças

aos esforços pioneiros dos primeiros intérpretes e dos primeiros missionários franciscanos, que atuavam de forma empírica por sua formação escolástica. Dessa forma, os europeus conseguiram aprender a língua indígena. A chegada dos missionários jesuítas marcou o início de um movimento mais racionalista do que empirista, derivado da gramática humanística, o que levou Anchieta a “reduzir” a língua indígena à “arte”, isto é, desenvolver uma gramática com as regras gerais da língua, a partir dos conceitos de regularidade (*analogia*) e de irregularidade (*anomalia*), que derivavam da lógica aristotélica e da gramática latina.

Essa mudança de pensamento na política missionária, dos primeiros missionários franciscanos à chegada dos missionários jesuítas, está registrada nos *Monumenta Anchieta*, como produto cultural da América portuguesa quinhentista, na segunda metade do século XVI. As obras de Anchieta representam a institucionalização do conhecimento linguístico da colônia ultramarina e uma mudança de paradigma da ecologia do contato de línguas empírico para uma percepção mais racionalista das línguas indígenas, pela gramatização de base latino-portuguesa como superstrato (CAVALIERE, 2001). Se, em um primeiro momento, o objetivo dessa ecologia do contato de línguas era a comunicação intercultural e o estabelecimento de alianças com comunidades linguísticas que utilizassem a língua tupinambá, em um segundo momento a influência cultural pela política missionária estava vinculada à conversão indígena, quando os cursos de Humanidades e de Filosofia foram também iniciados na colônia. A gramática de Anchieta é um produto intercultural único, fruto da intelectualidade missionária que atuou no contexto colonial de formação do Brasil.

A obra de Anchieta permaneceu como um paradigma de pensamento na América portuguesa até a gramática de Figueira, de 1621, que descrevia a “língua brasílica”, nova rotulagem para a “língua mais usada na costa do Brasil”, adotada por Anchieta. A gramática de Figueira marcou um período em que a filosofia escolástica influenciou mais na descrição da língua, e teve como modelo já a gramática de Manuel Álvares. A sistematização de conhecimentos

por Figueira difere da organização da gramática de Anchieta, que apresenta algumas imprecisões, característica de seu pioneirismo e ausência de modelos estabelecidos, na data de sua redação. Não custa lembrar que Anchieta, provavelmente, escreveu sua obra entre 1554 e 1556, enquanto a gramática de Álvares foi publicada em 1572. Por outro lado, o clima intelectual da época de Anchieta, ainda sob a política cultural do rei D. João III (1502-1557) (DIAS, 1969; RAMALHO, 1997; TANNUS, 2007), permitiu que inovações humanísticas circulassem na América portuguesa, o que justifica em parte a diversidade de textos dos *Monumenta Anchieta*, no padrão de uma *Respublica Litteraria* humanística, o que já não encontramos nas produções posteriores, na América portuguesa do século XVII, que são mais vinculadas à filosofia escolástica e mesmo à doutrina cristã, em uma percepção mais racionalista e menos empirista.

Referências

ALTMAN, Cristina et al. **Historiografia da Linguística**. Organizado por Ronaldo Batista. São Paulo: Contexto, 2019.

ALTMAN, Cristina. As partes da oração na tradição gramatical do Tupinambá/Nheengatu. **Limite: Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía**, Extremadura, Universidad de Extremadura, n. 6, p. 11-51, 2006.

ANCHIETA, José de. **Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil**. Coimbra: António de Mariz, 1595.

ANCHIETA, José de. **Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil**. Introdução, estabelecimento de texto e notas de Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1990.

ANCHIETA, José de. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, SJ (1554-1597)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica**. São Paulo: EdUsp, 2013.

BATISTA, Ronaldo. Descrição de línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, PUC-SP, n. 21 (1), p. 121-147, 2005.

BATISTA, Ronaldo. Introdução. In: ALTMAN, Cristina et al. **Historiografia da Linguística**. Organizado por Ronaldo Batista. São Paulo: Contexto, 2019. p. 9-18.

CAVALIERE, Ricardo. Anchieta e a língua falada no Brasil do século XVI. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, Faculdade de Filosofia de Braga, n. 5 (1), p.11-21, 2001.

CAVALIERE, Ricardo. Contato linguístico no primeiro século da Colônia. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, Faculdade de Filosofia de Braga, n. 11 (1), p. 285-306, 2007.

CARDOZO, Melyssa Silva dos Santos, KALTNER, Leonardo Ferreira. Ortografia, genitivo e composição na gramática de Anchieta (1595): o caso de [m], [mb] e [p] na língua Tupinambá, **Cadernos de Pós-graduação em Letras**, São Paulo, 22 (3), p. 35-51, 2022.

COUTO, Hildo. **Ecolinguística**. Brasília: Thesaurus, 2007.

DIAS, José Sebastião. **A política cultural da época de D. João III**. Volume 1. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1969.

EDELWEISS, Frederico. **O caráter da segunda conjugação tupi e o desenvolvimento histórico do predicado nominal nos dialetos tupi-guaraní**. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1958.

KALTNER, Leonardo Ferreira. **Brasil e Renascença**. Curitiba: Appris, 2011.

KALTNER, Leonardo Ferreira. As ideias linguísticas no discurso De Liberalium Artium Studiis (1548). **Confluência**, Rio de Janeiro, Linceu Literário Português, n. 56, p. 197-216, 2019.

KOERNER, E. F. Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. **Revista da ANPOLL**. Florianópolis: ANPOLL, trad. Cristina Altman, n. 2, p. 45-70, 1996.

NAVARRO, Eduardo. **Dicionário de Tupi Antigo**. São Paulo: Global, 2013.

PLATZMANN, Julius. **Grammatik der Brasilianische Sprache**. Leipzig: Teubner, 1874.

RAMALHO, Américo da Costa. José de Anchieta em Coimbra. **Humanitas**, Coimbra, Universidade de Coimbra, n. 49, p. 215-225, 1997.

RODRIGUES, Aryon. Argumento e predicado em Tupinambá. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**. Brasília: UnB, n. 3(1), 93-102, 2013.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n. 44/45, p. 39-59, 2013.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da linguística: princípios, perspectivas e problemas. In: BATISTA, Ronaldo (org.) et al. **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, p. 45-80, 2019.

TANNUS, Carlos A. K. Um olhar sobre a literatura novilatina em Portugal. **Revista Calíope**. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 16, p.13-31, 2007.

VIOTTI, Hélio Abranches. **Anchieta, o apóstolo do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1980.

ZWARTJES, Otto. The description of the indigenous languages of Portuguese America by the jesuits during the colonial period: the impact of the latin grammar of Manuel Álvares. **Historiographia Linguistica**, Amsterdam, John Benjamins, n. XXIX (1/2), p. 19-70, 2002.

ZWARTJES, Otto. **Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil**. Amsterdam: John Benjamins, 2011.